

DIFERENCIAÇÃO RACIAL DE TRAFICANTES DE DROGAS NA MÍDIA

Um estudo de Análise de Discurso Crítica

João Victor Pacifico Damasceno Rocha¹

Resumo

Este estudo situa-se na Análise de Discurso Crítica (ADC), tendo como marcos teóricos a metodologia de análise de Fairclough e os conceitos de *poder*, *ideologia* e *comunicação de massa*, segundo Fairclough, van Dijk e Thompson. Segundo a ADC, o discurso racista se mantém e se modifica ao longo do tempo através da difusão da ideologia dominante pela mídia de massa.

Atualmente, no Brasil, o racismo se expressa na mídia de massa de formas sutis, e uma delas é a crença de que certos grupos sociais estão diretamente envolvidos com a criminalidade e com o tráfico de drogas, enquanto outros grupos não são vinculados ao crime e, quando citados, têm seu delito amenizado e são tratados como participantes em alguma organização criminosa invisível. Essa crença é reafirmada com diversos mecanismos linguísticos.

A seleção do corpus de análise foi feita com buscador online, usando-se os termos de busca "jovens de classe média são presos com maconha" e "traficante é preso com maconha", com vistas a selecionar notícias policiais de jornais de distribuição de massa que representassem a dicotomia jovens de classe média X traficante em notícias parecidas. Foram escolhidas duas notícias do portal G1.

A análise de discurso evidenciou que a diferenciação racial dos criminosos se dá por procedimentos de passivização, personalização e nominalização, no caso dos jovens de classe média, e de apagamento do sujeito e estereotipação do traficante de classe baixa. No primeiro caso, os sujeitos têm nome e as circunstâncias da apreensão em geral são mais detalhadas. A passivização se dá pelo uso da voz passiva e também pela nominalização, isto é, a conversão de ações verbais em sintagmas nominais, como "envolvimento com tráfico", ao invés do ato de traficar. Já no segundo caso, o sujeito não é identificado e o fato em si é pouco detalhado. Ao invés da identificação explícita do criminoso, este é tratado enquanto classe e enquanto tipo criminal (traficante).

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica, Comunicação de Massa, racismo, tráfico, maconha

¹ Bacharelado em Letras - Português, UnB. Orientadora: Josenia Antunes Vieira, Professora do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP, Unb.

Abstract

This study resides in the Critical Discourse Analysis (CDA), having as theoretical framework the analysis methodology of Fairclough and the concepts of *power*, *ideology* and *mass communication*, according to Fairclough, van Dijk and Thompson. According to CDA, the racist discourse is maintained and modified through time due to the dissemination of the dominant ideology by mass media.

Today, in Brazil, racism is expressed in mass media in subtle forms, one of them being the belief that certain social groups are directly involved with criminality and drug trafficking, whereas other groups are not linked to crime and, when cited, have their transgression softened and are depicted as participants in some invisible crime organization. This belief is reasserted with various linguistic mechanisms.

The selection of the analysis corpus was made with an online searcher, using the search terms "middle-class youngsters get arrested with marijuana" and "dealer gets arrested with marijuana", in order to select police news from massive newspapers which represented the dicotomy middle-class youngsters X dealer in similar news. There were chosen two news from G1 website.

The discourse analysis highlighted that the racial differentiation of criminals is performed by passivization, personalization and nominalization, regarding the middle-class youngsters, and by obliteration of the subject stereotyping for the lower-class dealer. In the first case, the subjects have names and the circumstances of the arrest are more detailed. The passivization takes place in the use of passive voice and also in nominalization, that is, the conversion of verbal actions in nominal syntagms, such as "involvement with drugdealing", instead of the act of dealing. In the second case, the subject is not identified and the fact itself is poorly detailed. Instead of the explicit identification of the criminal, he is depicted as his class and as the criminal type (dealer).

Keywords: Critical Discourse Analysis, Mass Communication, racism, drug traffick, marijuana

Introdução

O presente estudo situa-se na Análise de Discurso Crítica (ADC), que interpreta o discurso como forma de prática social. Isso implica uma dialética entre o social e o particular, na medida em que o social guia o particular e este modifica aquele (VIEIRA, 2009). Analisar o discurso de forma crítica é revelar o que não é consciente para a maioria das pessoas em suas práticas sociais e denunciar quais estratégias são utilizadas para o controle do discurso – como na edição de textos midiáticos; é “analisar e compreender os problemas socioculturais com base nos discursos próprios dos grupos e das comunidades, com vistas a desentranhar e resistir ao exercício do poder” (PARDO-ABRIL *apud* KUWAE, 2013, p. 82). Desse modo, a ADC se posiciona contra os usos hegemônicos do discurso que visem a aprofundar as formas de desigualdade, discriminação e exclusão, e a acentuar as diferenças de poder na sociedade. Por essa razão, a ADC está envolvida com problemas sociais e considera as expressões linguísticas como materializações da ideologia, pois todo uso da linguagem é ideológico. Dessa forma, as expressões linguísticas são “terreno de conflitos sociais”. (VIEIRA, 2009, p. 7)

Trago a contribuição dos estudos sobre a difusão do racismo nos meios de comunicação de Teun van Dijk, do modelo tridimensional do discurso segundo Norman Fairclough, e dos conceitos de ideologia de John Thompson, Fairclough e van Dijk.

Com este estudo, pretendo lançar luz sobre o racismo implícito no discurso jornalístico sobre os temas relacionados à maconha, dando continuidade à minha última pesquisa (ROCHA, no prelo). Ora evidenciei como as mudanças sociais com relação ao racismo refletiram-se na mídia impressa nas últimas décadas e, particularmente, como o jornal representa de duas formas completamente distintas e imiscíveis o mesmo objeto social, a maconha. De um lado, o usuário branco, de classe média, culto e engajado; de outro, o criminoso negro e pobre da favela. Agora demonstrarei por meio da análise de duas notícias, como essa diferenciação se dá no discurso. À luz da Análise de Discurso Crítica, pretendo evidenciar as práticas discursivas presentes nessas notícias e as práticas sociais que embasam e são embasadas por esse discurso.

Quadro teórico

Análise de Discurso Crítica

Teun van Dijk se propõe a analisar criticamente a “reprodução discursiva de abuso de poder e desigualdade social” (VAN DIJK, 2008a, p. 15); esse autor se propôs a estudar mais especificamente a reprodução discursiva do racismo em meios de comunicação social. Para ele, a ADC concentra-se nas complexas relações entre a estrutura social e a estrutura discursiva (VAN DIJK, 2008a), e difere de outros campos de estudos da estrutura social por pelo menos uma das seguintes características:

- as relações de dominação são examinadas do ponto de vista e interesse do grupo dominado;
- as experiências dos sujeitos dominados são usadas como evidências para o estudo do discurso dominante;
- as ações discursivas do grupo dominante podem ser deslegitimadas pelo estudo crítico;
- podem ser formuladas alternativas a esses discursos que não reforcem a dominação.

Ou seja, os estudos em ADC não só analisam objetivamente as estruturas sociais e discursivas da dominação, mas também criticamente, e se posicionam de forma explícita em favor dos grupos socialmente desfavorecidos. Assim sendo, o objetivo dos estudos em ADC, tal como esta presente pesquisa, não é meramente contribuir com o estado da teoria de forma neutra, mas contribuir para mudanças sociais, com vistas a diminuir a desigualdade social e a exploração (van DIJK, 2008a).

Sendo a mídia toda produção cultural de massa em diversos meios - como a imprensa, a literatura e a radiodifusão, dentre outros (VAN DIJK, 2008b), ela é um meio poderoso para veiculação da ideologia hegemônica por meio do discurso. O discurso midiático reproduz relações de poder na medida em que certos veículos detêm grande parte da difusão de discursos, enquanto a maior parte da população atua apenas como receptora de discurso. Além disso, os proprietários de meios de comunicação podem escolher o que será publicado, como será apresentada a informação, qual a ênfase

dada a cada informação (VAN DIJK, 2008a), determinam o que é importante e com qual prioridade, cria heróis e vilões e descreve a realidade social ao seu modo (CORREA *apud* KUWAE, 2013). Mais ainda, esse autor afirma que os principais veículos de comunicação massiva constroem a notícia em forma e conteúdo similares, criando uma impressão de homogeneidade na descrição e/ou interpretação dos fatos sociais (CORREA *apud* KUWAE, 2013).

Corroborando com essa ideia, Fairclough (2006b) considera que os processos de construção sócio-cultural e político-econômica têm um caráter discursivo, pois as classes dominantes dispõem de mecanismos - tal como a mídia de massa - para selecionar certas práticas discursivas em detrimento de outras. Tais meios de controle sobre o discurso são denominados de práticas sociais (Fairclough, 2006a) e são o objeto de estudo da ADC. O controle desses meios só é disponível para quem detém o poder. Fairclough (2001) nos alerta que a estrutura discursiva de uma sociedade emana de sua prática social, a qual tem orientações de cunho econômico, político, cultural e ideológico. No embate dialético entre o discurso e a estrutura social encontra-se também a prática discursiva, que é manifestação linguística da prática social no texto.

Ideologia: sentido a serviço do poder

Van Dijk define poder como o "controle de um grupo sobre outros grupos e seus membros" (2008a, p. 17) e abuso de poder como o exercício de poder em interesse do grupo que controla e contra os interesses do grupo controlado, ou seja, buscando ampliar a desigualdade de forças. Esse controle se dá sobre as ações e também sobre o discurso, a depender de quem tem o direito de produzir e difundir discursos e de restringir ou ampliar o acesso aos mesmos. O abuso de poder, quando exercido sobre os discursos e sobre os meios de comunicação, pode ser identificado com o conceito de ideologia proposto por Thompson (2002), o qual conceitua Ideologia como as formas como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de poder assimétricas, relações de dominação. Nesse sentido, Thompson recusa a ideia de ideologias como valores socialmente compartilhados, mas antes como formas de

mobilização de sentidos sistematicamente orientadas para a manutenção de relações de dominação. Desse modo, as formas e sistemas simbólicos não são ideológicos em si mesmos, mas são usados ideologicamente por certos grupos sociais para manter relações de abuso de poder.

Sendo assim, esse autor não busca analisar os sistemas de crenças (senso comum) em si mesmos, mas desvendar as formas como eles são usados socialmente de modo a produzir e a perpetuar relações de dominação. A ideologia, nesse sentido, é uma parte integrante da luta que é travada na vida social, é “uma característica criativa e constitutiva da vida social, que é sustentada e reproduzida, contestada e transformada, através de ações e de interações, as quais incluem a troca contínua de formas simbólicas” (THOMPSON, 2002, p. 19).

Do mesmo modo, Fairclough (2001) entende as ideologias como sendo construções ou significações da realidade que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. As práticas discursivas têm uso ideológico quando contribuem para manter ou romper relações de poder. As ideologias estão, portanto, envolvidas nas relações de dominação sobre raça, classe social, gênero etc.

Já para van Dijk (2005), ideologias são representações sociais que definem a identidade de um grupo: suas crenças compartilhadas e seus modos de existência e de reprodução. Elas controlam e organizam outras crenças socialmente compartilhadas. Sua função é dar coerência às crenças sociais do grupo. Uma ideologia racista, por exemplo, pode controlar crenças e atitudes sobre a cultura negra, sobre as ações afirmativas etc.

Esse último conceito de ideologia é importante na medida em que expõe o modo como dela derivam as crenças de determinado grupo social. Sendo assim, a ideologia de um grupo não é um mero apanhado de crenças, mas certos referenciais simbólicos centralizantes aos quais as crenças estão vinculadas. Os conceitos de ideologia propostos por Thompson e por Fairclough, por outro lado, são mais interessantes para os estudos de ADC, pois vão além desse conceito geral e neutro e, mais especificamente, concebem como ideológicos apenas os usos desses sentidos socialmente compartilhados que são feitos no sentido de acirrar as relações de

dominação. Ao usar o adjetivo "ideológico", estou me referindo a esse tipo de mobilização de sentidos.

Comunicação de massa

Alexandre (2011) define comunicação de massa como aquela difusão que é dirigida a um público grande, heterogêneo e anônimo e veiculada por uma grande empresa. Desse modo, os meios de comunicação de massa possuem o poder hegemônico e são capazes de orientar a opinião pública por meio do controle sobre os meios discursivos.

Thompson (2002) acrescenta, ainda, que, no mundo de hoje, as experiências humanas são cada vez mais mediadas por sistemas de produção e de transmissão simbólicas, e o número de meios de comunicação de massa é cada vez maior, tendo esses uma influência muito grande no senso comum e nas relações sociais e interpessoais. Para além do conceito de comunicação de massa, esse autor estende sua análise aos "conglomerados de comunicação", que são grupos de mídia multinacionais que controlam várias empresas de comunicação global e local pelo mundo.

Thompson entende, então, a comunicação de massa como "o meio mais importante para a operação da ideologia nas sociedades modernas" (Thompson, 2002, p. 31), tendo em vista o seu conceito de ideologia como mobilização de sentidos a serviço do poder dominante. Diz ainda que, por esses meios, as formas simbólicas "são capazes de circular numa escala sem precedentes, alcançando milhões de pessoas que compartilham pouco em comum além da capacidade de receber mensagens mediadas pelo meios" (Thompson, 2002, p. 31).

A respeito da importância da comunicação de massa na difusão de formas simbólicas, van DIJK alerta que "Grupos podem se manter dominantes somente se detiverem os recursos para reproduzir sua dominância."² (VAN DIJK, 1991, p. 32), e, mais adiante, "através da educação e da mídia o grupo branco controla a definição da situação étnica"³ (VAN DIJK, 1991, p. 33). A elite branca dispõe dos meios de comunicação de massa e de outros meios de reprodução do sistema social (educação, cultura) e,

² *Groups can remain dominant only if they have the resources to reproduce their dominance.* Tradução minha

³ *through education and the media the white group controls the definition of the ethnic situation.* Tradução minha

portanto, esses meios reproduzem o sistema de dominação dos brancos (endogrupo) em relação aos negros (exogrupo).

O discurso racista, nas últimas décadas, converteu-se em formas mais sutis de práticas sociais e discursivas que não apregoam abertamente uma superioridade biológica de uma raça em relação a outra (ROCHA, no prelo; van DIJK, 1991; *idem*, 2008b). Para van DIJK (1991), um sistema social, tal como o racismo na nossa sociedade ocidental, sofre variações ao longo do tempo devido a mudanças nas práticas sociais no aspecto micro – especialmente movimentos de resistência e de desobediência ao sistema por parte de certas pessoas ou grupos.

Quando essas mudanças se tornam sistemáticas, os meios de reprodução do sistema – tais como a mídia, a ciência e os meios culturais – correspondem à nova configuração do sistema. Corroborando com essa ideia, Rocha (no prelo), diz que o fato de o racismo declarado e objetivo não ter mais prestígio no Brasil levou os meios de comunicação a mascarar outras formas de racismo, atribuindo estereótipos negativos aos negros sem uma pretensão de justificativa biológica para o racismo.

Metodologia: um caminho a percorrer

Os estudos em ADC têm por base a análise linguística, mas também se relacionam com as Ciências Sociais na medida em que procuram evidenciar as relações entre o texto em si e as estruturas de poder que ele reafirma ou confronta. Além disso, esses estudos devem, necessariamente, ter o potencial de contribuir para a mudança social e se posicionar em favor de grupos sociais que sejam desfavorecidos em relações de dominação e abuso de poder. Por esse mesmo motivo, deve-se atentar ao rigor metodológico, para que não se faça mero ativismo, sem validade científica. (VAN DIJK, 2008a)

Fairclough (2001) atenta para cinco tópicos analíticos que podem ser usados para identificar recursos discursivos: conectivos e argumentação, transitividade e tema, significado de palavra, criação de palavras e metáfora. Esses tópicos são largamente encontrados em todo tipo de texto e apontam para o caráter ideológico dos mesmos.

Conectivos e argumentação diz respeito à coesão textual e ao uso dos conectivos, e, portanto, ao modo como o autor do texto constrói uma "narrativa". Transitividade e tema diz respeito à relação entre os termos oracionais, ou seja, quais termos aparecem como sujeito e como objeto, como agente e como paciente (tema ou alvo), uso das vozes (ativa, média e passiva), ênfase dada (sintaticamente) a certos termos em detrimento de outros, etc. Entra aqui também um outro conceito importante, a nominalização, que é a conversão de um processo (real) em sintagma nominal (textual). Ou seja, o processo é destituído de sua dimensão temporal e são omitidos os entes envolvidos na ação. Por exemplo, no âmbito deste estudo, o sintagma "envolvimento com tráfico de drogas", que omite a dimensão processual, verbal, de traficar drogas, o que implicaria um sujeito traficante e um processo que envolve vários sujeitos e objetos.

Os outros três tópicos de análise englobam os aspectos lexicais da manipulação do discurso. Não só a escolha de palavra, mas também a manipulação do próprio item lexical escolhido, por meio da escolha entre diferentes sentidos e significados possíveis do mesmo verbete (significado das palavras), desvio da palavra do seu sentido usual (criação de palavras, ou *wording*) e criação ou naturalização de metáforas. A metáfora, na análise de Fairclough, não está restrita ao campo do estilo, mas corresponde a determinada visão de mundo. No exemplo dado pelo autor, o uso de expressões como "atacou seus argumentos" e "defendeu-se da acusação", nas notícias sobre política, mostra uma visão sobre o debate político que o compara à guerra e, logo, a visão de mundo do leitor é orientada a entender o debate político como um campo de batalha e os debatedores como inimigos mortais. As metáforas, portanto, criam e perpetuam pensamentos e práticas sociais.

Foram escolhidas para o corpo de análise desta pesquisa duas notícias veiculadas no portal G1, notório veículo jornalístico da Rede Globo, em março de 2015. Doravante denominamos esses textos como "Primeira Notícia" e "Segunda Notícia", sendo a primeira veiculada em 27 de março na seção Rio de Janeiro e a segunda em 17 de março na seção Ceará. Neste estudo, enfatizarei as escolhas lexicais e certas estruturas linguísticas (passivização, indeterminação) que contribuem para a diferenciação racial dos sujeitos representados nessas notícias. Em seguida, discutirei

esses resultados à luz da teoria. Optei por analisar textos escritos, sem me ater para outros fatos linguísticos, como as imagens. Dentro do escopo deste estudo, o texto escrito será suficiente para depreender suas práticas discursivas. A escolha dessas duas notícias deveu-se ao fato de que, em março de 2015, logo em seguida à publicação das mesmas, houve grande debate nas redes sociais e no jornalismo contra-hegemônico, sobre o caráter racista dessas manchetes. A motivação para o meu estudo partiu da inquietação dos próprios internautas em relação às práticas discursivas do portal G1, o que me levou a eleger as mesmas duas notícias que estavam sendo comentadas como objeto de estudo.

Ambas notícias são facilmente encontradas utilizando-se um mecanismo de busca na internet. A busca por "polícia prende jovens de classe média com maconha" retornou 92.100 resultados (busca feita em 18/5/2016 às 23:45). Na primeira página, várias notícias recentes com manchetes quase idênticas, publicadas por diferentes veículos jornalísticos em diferentes estados brasileiros. Também se encontra na primeira página algumas críticas feitas por outros veículos jornalísticos à maneira como jovens de classe média e de classe baixa são representadas nessas mesmas notícias. Já a busca por "polícia prende traficante com maconha" retornou 534.000 resultados (busca feita em 18/5/2016 às 23:50). Observando-se os resultados na primeira página, é possível perceber que esse tipo de manchete é mais frequente.

Análise das manchetes do portal

A discussão sobre as diferenças entre essas duas manchetes no portal G1 foi assunto bastante difundido nas redes sociais em março de 2015 e merece ser revista à luz da ADC. Na primeira manchete, os homens detidos são identificados como “jovens de classe média” e, na segunda, o detido é identificado como "traficante". Apesar de estar bastante explícito em ambos os enunciados que trata-se de traficantes de drogas, os elementos lexicais utilizados são diferentes. A expressão “jovens de classe média” é geralmente usada em outros contextos no texto jornalístico – isto é: estilo de vida, consumo, inserção no mercado de trabalho etc. - e não tem conotação pejorativa. Já a

palavra “traficante” pertence justamente a esse contexto, o caderno policial. Além disso, é um termo de conotação pejorativa e está relacionado no senso comum à favela.

Figura 1 - Comparação das manchetes. Fonte: Pragmatismo Político.

G1 divide o universo dos apanhados com drogas. Por que jovens de classe média flagrados com 300 quilos de maconha não são considerados traficantes?

The image displays two news headlines from G1. The top headline, from Rio de Janeiro, dated 27/03/2015, reads: "Polícia prende jovens de classe média com 300 kg de maconha no Rio". The words "jovens de classe média" and "300 kg" are circled in red. Below the headline, it says "Eles foram presos num estacionamento de um prédio na Tijuca. Delegado tenta identificar outros integrantes da quadrilha". A red sub-headline below reads "Uma semana antes...". The bottom headline, from Ceará, dated 17/03/2015, reads: "Polícia prende traficante com 10 quilos de maconha em Fortaleza". The words "traficante" and "10 quilos" are circled in red. Below this headline, it says "Polícia encontrou R\$ 10 mil em cédulas de R\$ 2 e uma pistola 380".

Na primeira manchete, apesar de tratar-se de uma notícia de tráfico de drogas, a identificação dos envolvidos remete ao endogrupo, isto é, ao grupo dos jovens brancos de classe média que consomem maconha, e não há valoração negativa desse grupo e de suas práticas sociais. O fato de traficarem drogas seria avaliado negativamente pela sociedade, mas a forma como são identificados desde a manchete até o fim da notícia associa essas pessoas ao endogrupo. Na segunda manchete, o termo “traficante” remete ao exogrupo, ou seja, ao criminoso pobre da periferia. Em meu trabalho anterior

evidenciei que não há, nas representações sociais sobre esse grupo, qualquer diferenciação entre os termos traficante, criminoso, sequestrador, maconheiro, em suma, termos que identificam o sujeito como transgressor da lei. Além disso, esses termos apagam os traços da identidade da pessoa, transformando-a em um grupo: o outro, o inimigo. Vale ressaltar que ele não é citado como “jovem de classe baixa” ou “traficante de classe baixa”. Isso porque ele já está imbuído de toda a identidade do objeto social “traficante”. Fora essa identificação tácita, não há – na manchete ou no corpo da notícia - qualquer informação sobre esse indivíduo, sequer o nome.

Análise das notícias do portal

Figura 2 - Primeira notícia. Fonte: G1.

27/03/2015 10h21 - Atualizado em 27/03/2015 20h29

Polícia prende jovens de classe média com 300 kg de maconha no Rio

Eles foram presos num estacionamento de um prédio na Tijuca. Delegado tenta identificar outros integrantes da quadrilha

Do G1 Rio



Policiais da 25ª DP (Engenho Novo) prenderam em flagrante, nesta quinta-feira (26), os jovens Pedro Henrique Sequeira e Thyago Barcellos Teixeira. Com eles foram apreendidos cerca de 300 quilos de maconha, duas pistolas, quatro carregadores e um carro Hyundai Santa Fé. Segundo informações da assessoria da Polícia Civil, eles foram presos no estacionamento de um prédio na Tijuca, na Zona Norte.

De acordo com informações do delegado titular da 25ª DP Niandro Ferreira, os rapazes são apontados como integrantes de uma quadrilha de jovens de classe média, que atua no tráfico de drogas do Engenho Novo e Méier, no Subúrbio, e Tijuca, na Zona Norte.

Figura 3 - Segunda notícia. Fonte: G1.

17/03/2015 08h58 - Atualizado em 17/03/2015 08h58

Polícia prende traficante com 10 quilos de maconha em Fortaleza

Polícia encontrou R\$ 10 mil em cédulas de R\$ 2 e uma pistola 380. Ele foi autuado em flagrante por tráfico de drogas e porte ilegal de arma.

Do G1 CE



Uma ação da Polícia Militar prendeu na noite desta segunda-feira (16) um traficante com dez quilos de maconha no Bairro Conjunto Esperança, em **Fortaleza**. De acordo com a polícia, além da droga foi apreendidos armas, dinheiro e munições dentro da casa do suspeito de 19 anos.

Polícia disse que o homem foi detido em flagrante por tráfico de drogas e porte ilegal de arma de fogo. O suspeito que não possuía antecedentes criminais. Ao realizar patrulhamento na região, os policiais desconfiaram da atitude suspeita dele e o abordaram em frente à casa, localizada na Rua 02 no Conjunto Esperança.

saiba mais

Polícia prende traficante com 15 quilos de maconha em Fortaleza

Dinheiro, pistola e munições

No imóvel, a polícia apreendeu mais de dez quilos de maconha distribuídos em tabletes, R\$ 10 mil em cédulas de R\$ 2 e uma pistola de calibre 380 municada.

Suspeito foi conduzido ao 30º Distrito Policial (30º DP) e autuado em flagrante por tráfico de drogas e porte ilegal de arma de fogo.

As diferenças, tanto entre os textos como entre os fatos, são várias. Na primeira notícia, a polícia investiga uma quadrilha e prende dois dos integrantes, na segunda, a polícia flagra um traficante sem antecedentes criminais e – até onde pode-se depreender do texto – sem associação com quadrilha. Entretanto, o primeiro fato é noticiado como “flagrante” e o segundo como “ação policial”. Os tópicos frasais têm a mesma estrutura sintática, valendo, nesse caso, uma análise lexical:

Policiais da 25ª DP (Engenho Novo) prenderam em flagrante, nesta quinta-feira (26), os jovens Pedro Henrique Sequeira e Thyago Barcellos Teixeira.

Sujeito: Policiais da 25ª DP (Engenho Novo)

Verbo: prender

Adjunto adverbial de tempo: nesta quinta-feira (26)

Objeto direto: os jovens Pedro Henrique Sequeira e Thyago Barcellos Teixeira

Uma ação da Polícia Militar prendeu na noite desta segunda-feira (16) um traficante com dez quilos de maconha no Bairro Conjunto Esperança, em Fortaleza.

Sujeito: Uma ação da polícia militar

Verbo: prender

Adjunto adverbial de tempo: na noite desta segunda-feira (16)

Objeto direto: um traficante

Adjunto adnominal: com dez quilos de maconha

Adjunto adverbial de lugar: no Bairro Conjunto Esperança, em Fortaleza.

Como podemos ver, na primeira notícia os traficantes são identificados pelos seus nomes, após o artigo definido “os” e o caracterizador “jovens”, além da foto. Na segunda, a identificação é apenas “um traficante”, com artigo indefinido. Como referido anteriormente, o termo “traficante” serve para generalizar o sujeito, e o uso dos artigos é importante para identificar os primeiros e classificar – isto é, enquadrar em uma classe - o último.

Na segunda notícia é abundante o uso de adjunção, ou seja, as circunstâncias da prisão são mais detalhadas, em concordância com o que observei no meu estudo anterior: nas notícias referentes ao exogrupo, é dada grande importância à especificação do bairro e da quantidade de droga, o que contribui para a associação sociocognitiva que nós leitores fazemos entre tráfico e favela. No tópico frasal da primeira notícia, ao contrário, não aparece menção ao tráfico e nem à maconha. Não aparecem informações que são apresentadas *a posteriori* sobre porte de armas, quantidade de droga e envolvimento com quadrilha, às quais contribuiriam com a construção sociocognitiva do que se pode caracterizar como tráfico de drogas.

A segunda frase também é de igual estrutura nas duas notícias, e descreve os objetos apreendidos. Na primeira notícia: “cerca de 300 quilos de maconha, duas pistolas,

quatro carregadores e um carro Hyundai Santa Fé”, e, na segunda: “além da droga [já referido] foi apreendidos armas, dinheiro e munições”. Novamente, os referentes na segunda notícia são menos definidos, mas, ao longo do texto, entendemos que há menos droga, menos armas e menos munição em posse do traficante cearense do que com os jovens cariocas. Comparativamente, essas quantidades não são relevantes, mas, individualmente, em ambos os casos, elas comprovam o tráfico.

Na primeira notícia, os sujeitos são identificados como jovens, rapazes e “Pedro Henrique e Thyago”, já na segunda, o sujeito é identificado como traficante, homem e suspeito. Interessante notar que ele é também jovem, mas é tratado por “homem” e nunca por “jovem” ou “rapaz”. O termo “tráfico de drogas” é mencionado duas vezes na primeira notícia, mas não a palavra “traficante”. Isso se identifica com a estratégia discursiva de reificação por nominalização, um dos modos de operação da ideologia (THOMPSON, 1995), e é um método discursivo que coloca o sujeito em posição de aparente passividade, já que a palavra “traficante” tem caráter necessariamente ativo. Os rapazes são apontados como integrantes de uma “quadrilha de jovens de classe média”. Ora uma quadrilha compõe-se de criminosos, mas a participação ativa desses jovens no crime é omitida, pois não há termos que denotem atividade.

Discussão dos resultados

O racismo no Brasil tem muitas particularidades, sendo a raça definida por “um sofisticado sistema de classificação racial baseado na aparência resultante da apreensão simultânea de traços físicos (cor da pele, traços da face, cabelos), condição socioeconômica e região de residência” (VAN DIJK, 2008b, p. 77), sendo possível falar-se em “racismo à brasileira” (TELLES *apud* VAN DIJK, 2008b, p. 81), o qual se caracteriza por dinâmicas “complexas, híbridas e sutis ainda que sejam decididamente racistas” (RAMOS *apud* VAN DIJK, 2008b, p. 82).

Dentre essas dinâmicas está a associação entre negro, pobreza e crime. Esses três elementos são indissociáveis na opinião pública e no discurso dos cadernos policiais (ROCHA, no prelo). Dessa forma, a diferenciação entre atores pobres (em geral negros) e de classe média (geralmente brancos) em notícias de ocorrências policiais

praticamente idênticas é um dos muitos reflexos do racismo “à brasileira” na mídia. A própria maconha é um objeto social vinculado ao negro, à pobreza e ao crime (ADIALA, 2006; ALVES, 1998; ROCHA, no prelo), mas é representada de maneiras distintas na mídia, dependendo do contexto social em que ocorre o fato noticiado. Essa distinção se dá por meio do discurso e contribui para a perpetuação de estereótipos em que o negro é autor de crimes e o branco “está envolvido” em crimes.

Conclusões finais

Apesar de o "racismo à brasileira" se expressar de maneiras sutis e complexas, é possível identificá-lo nos textos jornalísticos e, possivelmente, em inúmeros outros tipos textuais pelos métodos da Análise de Discurso. A criminalização da pobreza e da negritude é um fato muito bem institucionalizado no Brasil e, por isso, a Análise de Discurso Crítica deve se engajar em desvelar os mecanismos de manutenção dessa prática social. Por fim, apesar de os discursos sobre a maconha terem se diversificado nos meios de comunicação de massa, a diferenciação racial dos sujeitos diretamente envolvidos é ainda uma realidade.

REFERÊNCIAS

- ADIALA, J. C. **A criminalização dos entorpecentes**. Rio de Janeiro: Independente, 2006. v. 1. 108p.
- ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v.6, n. 17, p. 111-125, jul./dez. 2001.
- ALVES, Y. D. D. *Um vício deselegante: O preconceito racial e a transformação da maconha em problema público no Brasil*. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001. *tradução, prefácio
- _____. **Analysing Discourse** – Textual analysis for social research. London, Routledge, 2006a.
- _____. **Language and Globalization**. London e New York: Routledge, 2006b.
- G1. **Polícia prende jovens com 300 kg de maconha no Rio**. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-prende-jovens-de-classe-media-com-300-kg-de-maconha-no-rio.html>>. Acesso em: 19 nov. 2015.
- G1. **Polícia prende traficante com 10 quilos de maconha em Fortaleza**. Disponível em <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/03/policia-prende-trafficante-com-10-quilos-de-maconha-em-fortaleza.html>>. Acesso em: 19 nov. 2015.
- KUWAE, L. H. Y. *Cem anos de imigração japonesa: a construção midiática da identidade do imigrante japonês*. 361 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- PRAGMATISMO POLÍTICO. **G1 vê diferenças entre apanhados com drogas**. Disponível em <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/g1-ve-diferencas-entre-apanhados-com-drogas.html>>. Acesso em: 19 nov. 2015.
- ROCHA, J. V. P. D. *Maconha e preconceito: representações sociais de uma droga*. **Textos Gradados**, Brasília, no prelo.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VAN DIJK, T. A. **Racism and the press**. University of Glasgow: Glasgow, 1991.

_____. Ideologia y análisis del discurso. *Revista Internacional de Filosofía Ibero-Americana y Teoría Social*, Maracaibo, ano 10, n o 29, p. 9-36, abr./jun. 2005.

_____. **Discurso e Poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2008a.

_____. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Editora Contexto, 2008b.

VIEIRA, J. A. (editora). **Olhares em análise de discurso crítica**. Brasília: J. A. VIEIRA, 2009.